

VÊNUS

Ela guardava as compras no carro, no estacionamento do mercado, quando ele apareceu acanhado e meio sem jeito. Parecia um cachorro vira-lata apanhado em flagrante mexendo no lixo de alguém.

— Oi. E aí?

— Eu não quero falar com você, João.

Ela continuou arrumando as coisas no porta-malas do carro, agora atirando as sacolas ao invés de acomodá-las de forma organizada como vinha fazendo. Um ódio denso percorria seu corpo e seguia até as extremidades. Não esperava encontrá-lo ali, na verdade, não esperava encontrá-lo nunca mais. Já havia até bloqueado seu telefone. Não fazia ideia de como havia se metido com um sujeito como aquele. Ele se acomodou cabisbaixo ao lado do carro, escorado sobre o teto, ficou uns instantes mexendo em algo no chão com a ponta do tênis puído, capacete na mão.

— Eu tentei te ligar, mas não dava certo.

— Então não liga mais. Não é para ligar.

— Mas eu queria falar com você, esclarecer as coisas.

— Não tem nada para esclarecer, já está tudo esclarecido, esclarecido até demais.

Talvez fosse mero acaso que ele a tivesse encontrado ali, mas certamente a decisão de interpelá-la já era em si uma afronta. Acreditava que nunca mais iria cruzar com aquele tipo. Não iam aos mesmos lugares, não frequentavam os mesmos ambientes; não de maneira contumaz. Eram de mundos completamente diferentes e ela ainda não entendia por que havia lhe dado uma chance. Uma oportunidade fugaz de se divertirem um pouco. Achava que podia se permitir uma coisa assim, afinal de contas, se tudo tivesse corrido como o esperado, não teria sido nada demais. Ele sequer era bonito e todo o resto que vinha junto estava bem aquém das suas pretensões.

— Apesar de tudo, ainda acho que a gente teve um momento bacana.

Suas palavras só recrudesceram o ódio dentro dela, que deixou de guardar as compras e o encarou, apoiando-se na beirada do porta-malas. Braços longos, blusinha decotada.

— Bacana? Você tem ideia do que está falando? Olha aqui, o que eu mais quero é esquecer o que aconteceu. Não vejo a hora para que isso tudo desapareça da minha cabeça. Aliás, a gente nem devia estar tendo esta conversa.

— Eu não acredito que você não guarde nenhuma lembrança boa daquela noite.

— Você pode apostar que não. Nada. Coisa alguma.

— Olha, eu te devo desculpas. Eu não sabia, não sabia de nada. Nem desconfiava, bom, você sabe como são essas coisas.

Os olhos dela se expandem, um brilho incisivo ao fundo, e tudo o que ele dizia só fazia com que as coisas ficassem piores.

— Não João, eu não sei como são essas coisas. Eu não sabia como eram essas coisas até te conhecer. O que você pensa que eu sou? O que você imaginou que eu era?

— Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. Me expressei mal. Só não queria que você ficasse com uma má impressão a meu respeito. Sei lá, você é uma mulher legal e tal, além de linda e inteligente.

— Ah, vá...

Ela volta a atirar sacolas na mala. Não era capaz de acreditar naquela conversa. Na noite em que se conheceram foi a mesma coisa. Não podia aceitar como havia caído naquela. Vodca com energético, maconha e aquelas balinhas coloridas, o que diabo havia naquilo? Em sua cabeça, buscava entender o rumo das suas decisões. Parecia ter se comportado como uma adolescente em um mundo de experimentações. Nem lembrava direito de como havia acontecido, mas lembrava dele e da forma como a havia enredado naquilo tudo.

— Eu ainda tenho aquela foto no celular.

Ela fecha a tampa do porta-malas com violência.

— Apaga, deleta, some com ela. Faz o que você quiser.

— Não posso. Você é linda. Você tem um corpo perfeito, parece com aquelas modelos de revista. Juro!

Ela balança a cabeça enquanto, impaciente, procura na bolsa as chaves do carro. Ele avança um passo em sua direção, mas a postura ainda é reticente.

— Eu nunca fiquei com uma mulher como você na minha vida, se aquela fosse a minha última vez já teria valido a pena.

Nisso ela acreditava, que ele nunca havia estado com uma mulher como ela. Mas quando refletiu sobre isso, não pensou no aspecto social ou financeiro. Ela se valorizava e achava que se conhecia. Tinha uma opinião bastante sólida a respeito das suas próprias qualidades. Ainda assim, achou bom ouvir aquilo, apesar de tudo. Ele então percebe o vacilo em sua guarda e tenta avançar um pouco mais:

— O que eu não queria é que você ficasse magoada comigo. Só isso. Além do mais, tudo se resolveu, você tá bem, eu também...

Ela empertigou-se como se recobrasse a própria consciência das coisas e dos fatos:

— Sífilis, João! Você me passou sífilis! Sabe o que é isso? Eu, uma mulher formada, servidora pública concursada, terminando o doutorado, com um ótimo emprego e tive de ir até a minha ginecologista me tratar de sífilis. Sífilis, João!

Ele olha o chão por um instante, depois volta a encará-la:

— Isso acontece o tempo todo, eu acho.

— Não na minha vida, não naquele consultório; você não imagina a cara com que ela me olhou.

— Mas você está bem agora, não tá? Está tudo certo?

— É claro, eu estou me tratando.

— Que bom. São só algumas injeções e já é. Tudo resolvido.

Ela mais uma vez balança a cabeça inconformada em onde havia se metido. Não podia acreditar no que estava ouvindo, no quanto aquilo parecia ser algo ordinário para ele, ou mesmo comum. De certo modo, aquilo a encheu de medo e de uma certa aversão que não estava ali antes. Ela passa por ele esbarrando involuntariamente no seu ombro rumo à porta do carro. Apesar de tudo, uma certa eletricidade perpassa seu corpo com o contato.

— Espera, tem mais uma coisa.

Um arrepio percorre toda a sua espinha, pensando nas possibilidades do que ele teria mais a dizer. Que outra coisa? Uma nova doença? É tudo que lhe ocorre. Havia feito o exame de HIV, mas sua médica disse que ainda eram necessários alguns meses para repeti-lo e descartar totalmente a possibilidade. Falou em janela imunológica ou algo assim. Ela volta-se para ele com o semblante pesado:

— Que coisa?

— Será que a gente pode se encontrar um dia desses? Sair pra tomar alguma coisa, sei lá. Tentar passar uma borracha nisso? Eu sei que você está puta comigo, e tem razão, mas me dá uma chance de fazer as coisas direito. Eu acho que dá pra a gente se acertar, eu queria muito isso. Queria mesmo, na boa. O que passou, passou. Vamos deixar isso lá atrás. Acabou.

Ela fecha a porta do carro com força, na sua cabeça um turbilhão de pensamentos, ajusta a bolsa a tiracolo junto ao corpo. Precisa se estribar em algo para não desmoronar, aquele não era o lugar, não era a hora e não era ele. Sente uma leve pressão no ventre, tem de resistir ao desejo de levar a mão até a barriga antes de conseguir articular alguma coisa:

— Ainda não acabou, João. Eu estou grávida! Aquela maldita noite ainda não terminou, não para mim. Ainda não.

João abre um sorriso largo e se aproxima dela, mas não se atreve a tocá-la. Intimamente, ela agradece por isso, não sabia se seria capaz de suportar aquilo.

— Você está esperando um filho? Um filho meu?

— Não é um filho, é um feto. Um filho é desejado, esperado, amado. Isso aqui dentro é alguma outra coisa.

— Não fale desse jeito, não é a coisa certa de se dizer, mesmo sem ter estudado como você eu sei disso. Um filho é uma coisa boa, uma coisa importante. Traz um propósito.

Ela se segura como pode, alimentando a chama do ódio dentro de si, ódio contra tudo e todos, mas, especialmente, contra ela mesma pelo que deixou acontecer e também pelo que acredita que precisa ser feito. Já se arrependia de ter contado a ele, aquela cena não era necessária, nem suas palavras.

— Será resolvido. Eu já encontrei uma clínica de alto nível, cobram uma fortuna e aposto que você não pode me ajudar nisso também.

A postura dele muda, torna-se mais direto e incisivo, avocando sua parte. A olha nos olhos com firmeza e paixão, algo que a contragosto ela admite lhe transmitir alguma segurança.

— Não, não posso e nem quero. Mas posso ajudar você a criar essa criança, isso eu posso fazer. Dou o meu jeito. O jeito que for.

Ela força uma gargalhada para não chorar. O tom orgulhoso e ao mesmo tempo sincero dele; a fragilidade que ela está sentindo diante de tudo.

— João, você não sabe o que está dizendo. Quer arrumar uma pensão para pagar? Cuidar de criança nos fins de semana? Mais problemas para sua vida, responsabilidades?

— Desde que o filho seja contigo, sim.

Ela desaba soluçando, seus olhos rebentam em lágrimas. Ele aproveita o desarme e avança, estreitando-a em um abraço, ela resiste por um instante, mas por fim cede. Ficam um longo tempo assim, ela buscando não pensar em nada e ele em silêncio refletindo rapidamente sobre muita coisa. Ela busca se recompor, mas permanece junto dele, em seus braços:

— Não dá João, seria impossível. Você sabe disso. Eu não sei, não sei nem o motivo de ter lhe contado. A gente nem se conhece, você me encontrou de novo por acaso.

Ele improvisa uma mentira apropriada:

— Eu te procurei por toda a parte, eu te liguei. Hoje vi você passando com o carro e te segui até aqui, esperei que você sáísse pra gente poder conversar aqui fora, eu sabia que você estaria brava comigo.

— Eu não estou zangada com você, no começo sim, nos primeiros dias, agora não mais. Tenho raiva é de mim e das minhas escolhas.

— Mas agora eu tô aqui pra te ajudar, só preciso que você me dê uma chance.

Ele arrisca um beijo de leve na fronte dela e seca um pouco das lágrimas com o polegar, borrando a maquiagem dos olhos. Ela se entenece com o gesto e coloca os braços sobre seus ombros, terminando por se abraçarem novamente, dessa vez mais forte. Ela sussurra em seu ouvido:

— Não tem como dar certo João, um filho, uma criança.

— A gente só vai descobrir se tentar.

Ficam mais um tempo nisso, por fim, ela o convida para ir até sua casa, sem saber bem ao certo o que está fazendo. Sentia-se só e frágil e não queria sentir-se assim, ao menos por um tempo. Ele diz que vai segui-la em sua moto e que a havia deixado fora do pátio do supermercado para não pagar o estacionamento. Ela acha graça na explicação pecuniária.

João sabia que a parada não estava ganha, ainda precisava convencê-la de fato e depois desenrolar a situação até o nascimento do bebê. Não ia deixar que aquela boazuda rica matasse uma criança, ainda mais um filho seu. É bem verdade que não era isso que tinha em mente quando reconheceu a mulher saindo do mercado a caminho do carro. Suas expectativas eram completamente outras, mas agora precisava lidar com aquilo; pelo menos por um tempo. Havia um tio que morava no Mato Grosso e que certa vez havia lhe prometido um emprego. Já era hora de mudar de ares, estava cansado da cidade grande e sua gente.